



NACIONALISMO E CULTURA ESCOLAR: AS TENSÕES NO ÂMBITO EDUCACIONAL EM COLÔNIAS ESTRANGEIRAS DE SC (1930-1940)

Juliano Cabral¹, Cristiani Bereta da Silva²

¹ Acadêmico do Curso de História/FAED - bolsista PIBIC/CNPq

² Orientadora, Professora do Departamento de História/FAED – cristianibereta@gmail.com.

Palavras-chave: Nacionalização, Cultura Escolar, Santa Catarina.

Segundo o historiador John Breuilly (2000), para que um projeto nacionalista possa ser devidamente executado fazem-se necessários três fatores: um grupo de indivíduos que possuam características em comum, a disposição em seguir um ideal que possa uni-los a partir destas semelhanças e uma maneira de organizar a sociedade, a partir de um Estado centralizador, em torno deste grupo que se enxerga enquanto diferente dos demais. No entanto, somente a propagação do objetivo nacionalista entre a população não é suficiente para mobilizar a mesma; é preciso ter pilares de sustentação que atuem diretamente na vida diária das pessoas – entre estes pilares, talvez o mais importante seja a *escola*. Para além do seio familiar, a escola possui papel fundamental no desenvolvimento tanto de competências específicas das crianças quanto das formas de pensar e agir das mesmas. Alterar os conteúdos a serem ministrados, as disciplinas da grade escolar, o ambiente físico das instituições, as regras e condutas a serem seguidas tanto por estudantes quanto pelos funcionários, a utilização de profissionais para a fiscalização do cumprimento normas, além de uma série de outros fatores, caracterizam tentativas de moldar a *cultura escolar* com o objetivo de incutir aos poucos os ideais nacionalistas não só nas crianças e adolescentes, bem como, a partir deles, propagar tais sentimentos nacionais para o restante da população. Isto porque, segundo Dominique Juliá (1995), a escola não pode ser vista como um elemento isolado do restante da sociedade; aquilo que é difundido no interior de seus muros inevitavelmente é levado para fora através das redes de sociabilidade dos que frequentam tal espaço. A alteração da cultura escolar, que se dá por meio de conflitos entre os antigos elementos que a compunham e os novos que se pretendem adicionar, gera choques no cotidiano da população de acordo com o processo de difusão destas novas normas e condutas. Sendo assim, este artigo possui como objetivo investigar as tensões causadas pelo projeto nacionalista de Getúlio Vargas na *cultura escolar* das zonas de colônias de imigrantes em Santa Catarina, bem como a maneira com que estes embates no âmbito educacional afetaram diretamente o cotidiano daquelas comunidades para além dos limites físicos das instituições de ensino. O recorte temporal refere-se ao final da década de 1930 e início da década de 1940; as fontes utilizadas foram cartas de inspetores escolares contidas no Relatório Geral de Inspeção (1940) do Departamento de Educação catarinense e Decretos-Lei do período. Os dois principais conceitos abordados foram Nacionalismo, do historiador Britânico John Breuilly (2000), e Cultura Escolar, de Dominique Juliá (1995). O artigo foi orientado pela Professora Drª. Cristiani Bereta da Silva, fazendo parte de sua pesquisa intitulada “Os ‘Exames de Admissão ao Ginásio’: Livros, narrativas e memórias

na construção da disciplina escolar de História (Décadas 1930 - 1970)", com vínculo ao Laboratório de Ensino de História (LEH - UDESC).